

A LITERATURA INFANTIL DE OTÁVIO JÚNIOR: OLHARES POÉTICOS SOBRE A PERIFERIA

OTÁVIO JÚNIOR'S CHILDREN'S LITERATURE: POETICAL VIEWS ABOUT THE PERIPHERY

Erica Bastos da Silva¹, Regina Michelli²

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Amargosa, BA, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5281-284X>
ericabastos@ufrb.edu.br

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5586-0468>
r.michelli@gmail.com

Recebido em 30 jul. 2023

Aceito em 20 set. 2023

Resumo: Sabe-se que a literatura infantil contemporânea vem ganhando novos enredos e personagens que dialogam com as diversidades. Nessa perspectiva, o texto em tela vem apresentar uma análise de dois livros que trazem a periferia como principal cenário de vivências poéticas, a saber: *O chefão lá do morro* e *O garoto da camisa vermelha*, ambos do escritor Otávio Júnior e ilustrados por Angelo Abu. Os livros apresentam algumas temáticas sensíveis que envolvem as comunidades periféricas, mas distanciadas de estereótipos midiáticos e, ao mesmo tempo, carregadas de poesia, esperança e respeito pela cultura e pelas pessoas que vivem nessas localidades. Desse modo, foram analisadas a arte literária das obras materializadas pelas palavras e pelas ilustrações e o potencial de formação humana dessas leituras. As análises permitiram perceber que esses livros podem ser lidos e trabalhados em qualquer contexto por apresentar uma narrativa que sensibiliza, encanta e instiga os mais variados leitores. Fica nítida também a criatividade do autor em provocar o leitor para reler o texto e a si mesmo, atentando-se, especialmente, para a desconstrução e reconstrução de olhares sobre as favelas. Destaca-se, assim, a importância de Otávio Júnior no cenário atual da literatura, especialmente por apresentar a sua arte com olhares sensíveis e esperançosos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Arte literária. Personagens periféricos. Temas sensíveis. Otávio Júnior.

Abstract: It is known that contemporary children's literature has been gaining new plots and characters that dialog with diversities. From this perspective, the text discussed herein presents an analysis of two books that bring the periphery as the main scenario of poetic experiences, namely: *O Chefão lá do Morro* (2020b) and *O garoto da camisa vermelha* (2020a) both written by Otávio Júnior and illustrated by Angelo Abu. The books present some sensitive topics that involve peripheral communities, but distanced from media stereotypes and, at the same time, full of poetry, hope and respect for the culture and people who live in these locations. Therefore, the literary art of the works materialized by the language and illustrations and the potential for human formation of these readings were analyzed. The analyses made it possible to realize that these books can be read and worked on in any context because they present a narrative that sensitizes, enchants, and instigates different sorts of readers. It is also clear the creativity of the author in provoking the readers to reread the text and themselves as well, paying special attention to the deconstruction and reconstruction of views on the favelas. Thus, Otávio Júnior's importance in the current literature scene stands out, especially for presenting his art with sensitive and hopeful eyes.

Keywords: Children's literature. Literary art. Peripheral characters. Sensitive topics. Otávio Júnior.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observamos, cada vez com mais frequência, discussões sobre a importância de conhecer, conviver e dialogar com as diversidades. No campo da literatura infantil, temos uma ampliação de temas, autores, enredos, decorrentes de amplas mudanças na sociedade. Desse modo, adentram (ou se ampliam) no universo literário discussões outrora veladas, como a homossexualidade, a separação de pais, entre outras. No amplo leque dessas inserções, este texto se propõe a discutir sobre personagens periféricos¹ que aparecem em livros infantis. A motivação para esta escrita surge desde as reflexões propostas por Fanny Abramovich (1997), questionando onde estava a cara do terceiro mundo nas ilustrações infantis, bem como no reconhecimento da importância de as crianças periféricas (assim como todas as outras) terem seus contextos, sonhos e desejos representados no universo ficcional da literatura.

Nesse sentido, este artigo pretende investigar o viés artístico da literatura infantil na escrita de Otávio Júnior, em sintonia com as ilustrações de Angelo Abu, bem como compreender o potencial de formação humana de leitores, traços presentes nas obras *O Garoto da Camisa Vermelha* (2020b) e *O Chefão lá do Morro* (2020a). Destacamos que a primeira edição das obras foi publicada nos anos de 2013 e 2014, respectivamente. No entanto, neste artigo, utilizamos a segunda edição, ambas publicadas em 2020.

Os livros integram a *Coleção lá do beco*, têm protagonistas periféricos e apresentam temas sensíveis em seus enredos. Assim, a nossa análise parte do princípio de que estas obras podem ser trabalhadas em qualquer contexto e a presença de tais temas, num universo ficcional carregado de poesia, pode ajudar os diversos leitores a compreenderem as dificuldades vivenciadas no cotidiano pelas comunidades periféricas e, por outro lado, conhecerem diversos modos de sonhar, fabular e viver nessas localidades.

Esperamos que este texto contribua também para o conhecimento das obras do autor e do seu talento artístico, bem como propicie uma releitura sobre como vemos as favelas e as suas diversas manifestações culturais.

¹ Compreendemos personagens periféricos, neste texto, como aqueles que vivem em favelas.

QUERO VER A FAVELA VENCENDO ATRAVÉS DA MINHA ARTE

Era uma vez um menino de oito anos. É assim que Otávio Júnior inicia o seu livro intitulado *O livreiro do Alemão* (OTÁVIO JÚNIOR, 2011). Nesta obra autobiográfica, ele nos conta seu percurso de vida, o despertar do interesse pelos livros e sua trajetória inicial como escritor. Como uma criança nascida no Complexo da Penha, mais especificamente no Morro do Caracol, ele passa por todas as dificuldades e as convivências com cenários violentos nessa localidade. Certo dia, porém, sua vida muda. Ao encontrar uma caixa cheia de brinquedos quase novos, ele se depara com um livro chamado *Don Gatón*, leva-o como um troféu para casa e começa a viver seu conto de fadas.

A partir daí, o autor inicia sua trajetória como leitor e, posteriormente, escritor. Sua vida na comunidade foi permeada de muitas dificuldades e diversões, mas que não tiraram seu interesse pelos livros. Assim, queremos destacar, da história de Otávio, algumas falas que consideramos pertinentes para o diálogo proposto neste artigo. Na primeira dela, o autor diz o seguinte:

Seriados de tv, futebol, pichação, bola de gude, pião. Como foi que tudo isso não roubou o espaço que os livros começaram a ter na minha vida? **Agradeço a uma professora maravilhosa que apareceu quando eu ainda estava na segunda série.** [...] Foi assim que continuei lendo feito louco, ano após ano. De tanto ler, bateu a vontade de me tornar escritor também (OTÁVIO JÚNIOR, 2011, p. 28-29, grifo nosso).

Ressaltamos, em consonância com a fala apresentada, a importância da educação, dos educadores e mediadores de leitura no processo formativo propiciado pela arte literária. Por vezes, a escola se constitui como o principal (ou talvez único) espaço em que as crianças periféricas têm acesso a livros. Nesses casos, a educação escolar pode (ou deve) ser a via propulsora de acesso a múltiplos conhecimentos pelo viés da diversidade de leituras. Observamos ainda que os livros ganham vida nas histórias contadas pelo autor e estão presentes, direta ou indiretamente, em quase todas as suas obras como um instrumento de mudança, um “objeto transformador”.

Otávio Júnior se tornou, assim, o livreiro do Alemão por criar diversos projetos que levam leitura para o bairro onde nasceu. É responsável pelo projeto *Ler é 10- Leia*

*Favela*². Venceu o prêmio Jabuti de literatura infantil com o livro *Da minha janela* (OTÁVIO JÚNIOR, 2019), em 2020 e, em 2018, foi finalista da categoria livro brasileiro publicado no exterior, com a edição francesa da obra *O livreiro Alemão* (OTÁVIO JÚNIOR, 2011). Ele fez com que os livros e os prêmios literários fossem conhecidos por sua comunidade e, por outro lado, foi o responsável por vários leitores conhecerem a arte literária produzida pela periferia.

No que se refere às suas obras, Otávio Júnior apresenta sempre um olhar muito sensível para sua comunidade e sua historicidade, o que se observa na elaboração de biografias como a de Carolina Maria de Jesus (OTÁVIO JÚNIOR, 2022a) e a do Palhaço Benjamin (OTÁVIO JÚNIOR, 2022b), na apresentação de alegrias, danças, sonhos e encantamentos periféricos (OTÁVIO JÚNIOR, 2019, 2021a, 2022c), nas reflexões sobre os vazios históricos a respeito da nossa ancestralidade³ que, em certa medida, se preservam pelas *Guardiãs de memórias nunca esquecidas* (OTÁVIO JÚNIOR, 2021b) e na exposição de uma periferia mais cinza e poética, que será objeto de estudo neste texto.

Ressaltamos ainda que o autor consagra cada um dos seus livros a pessoas envolvidas com lutas e causas semelhantes as suas, como, por exemplo, em *O livreiro do Alemão*, em que dedica a obra a Ricardo Gomes Ferraz que “transformou sua casa localizada numa favela do mangue, no Recife, na Livraria Guardiã, único espaço de leitura da comunidade. Uma inspiração!” (OTÁVIO JÚNIOR, 2011, p. 5). Podemos enxergar, em seus posicionamentos, a filosofia africana *Ubuntu* que se caracteriza, conforme Renato Noguera (2012, p. 147), “como uma maneira de viver, uma possibilidade de existir junto com outras pessoas de forma não egoísta, uma existência comunitária antirracista e policêntrica”, uma ética em que “um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos.” (NOGUERA, 2012, p. 148).

² O Projeto se caracteriza como uma espécie de biblioteca itinerante que leva literatura para pontos da Penha e do Alemão, dois bairros da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Informação disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoia/ultimas-noticias/2021/01/07/quero-ver-a-favela-vencendo-atraves-da-minha-arte-diz-livreiro-do-alemao.htm>. Acesso em: 18 jun. 2023.

³ Queremos destacar que “em 14 de dezembro de 1890, o ministro da Fazenda, Ruy Barbosa assinou um despacho ordenando a destruição de documentos referentes à escravidão. O **Estado de 19 de dezembro de 1890** publicou trechos da ordem, que pedia que os registros sobre servidão fossem enviados para a capital, onde se procederia a *‘queima e destruição imediata deles’*.” Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-destruicao-dos-documentos-sobre-a-escravidao-,11840,0.htm> Acesso em: 18 jun. 2023. Para aprofundamento ver o texto (cf.): LACOMBE, Américo Jacobina, SILVA, Eduardo e BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.

As narrativas apresentadas pelo autor são atravessadas por várias outras histórias. Seu trabalho se constrói com muita gratidão e respeito às pessoas que inspiram e colaboram na construção de sua arte, bem como com reverência aos seus ancestrais e descendentes, além de se posicionar em prol de causas sociais coletivas, como no livro *o Morro dos Ventos* (Otávio Júnior, 2020c), em que homenageia a menina Ághata Vitória Sales Félix, morta numa operação policial no ano de 2019, no morro da Fazendinha, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro⁴.

Assim, para Cleber José de Oliveira,

Na estética periférica falar de si é falar do outro, isso devido ao sentimento de pertença que permeia toda essa produção. Tudo isso se constrói na tentativa de combater as relações sociais verticalizadas impostas pelas elites dominantes que em geral são detentoras dos meios de produção e informação. De subverter e rasurar o discurso do poder. De se colocar como sujeito enunciativo capaz de fazer escolhas, que não raro culminam na descentralização do discurso de poder hegemônico (OLIVEIRA, 2017, p. 55).

Nesse sentido, observamos que o autor sempre apresenta sua arte em sintonia com os dizeres individuais e coletivos de sua comunidade. Aparentemente, há uma crença na força comunitária, mesmo quando esta não pode proporcionar grandes transformações a curto prazo, mas há uma persistência esperançosa por melhorias na vida das pessoas que vivem nas favelas.

Queremos destacar ainda que Otávio Júnior sempre aparece em fotografias disponibilizadas nos sites e nas redes sociais com livros nas mãos e a comunidade do Complexo da Penha e do Alemão ao fundo. Ressaltamos a relevância deste posicionamento para a desmistificação das imagens midiáticas que geralmente associam o homem negro periférico ao crime. Como um produtor de literatura na e sobre a periferia, Otávio Júnior permanece vivendo em sua comunidade e promovendo pequenas revoluções cotidianamente.

A PERIFERIA CINZA E POÉTICA: COLEÇÃO LÁ DO BECO

As produções literárias de Otávio Júnior se propõem a trazer, pelo viés artístico, um embelezamento do olhar sobre os contextos periféricos. No entanto, sabemos que,

⁴ Mais informações no site <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml> Acesso em: 18 jun. 2023.

no Brasil, a vida nessas comunidades é atravessada por muitas dificuldades e inserir essa temática na literatura infantil não deixa ser um desafio. Desse modo, o autor cria um novo jeito de apresentar a periferia com o lançamento da coleção chamada *Lá do Beco*, que é descrita por ele da seguinte maneira:

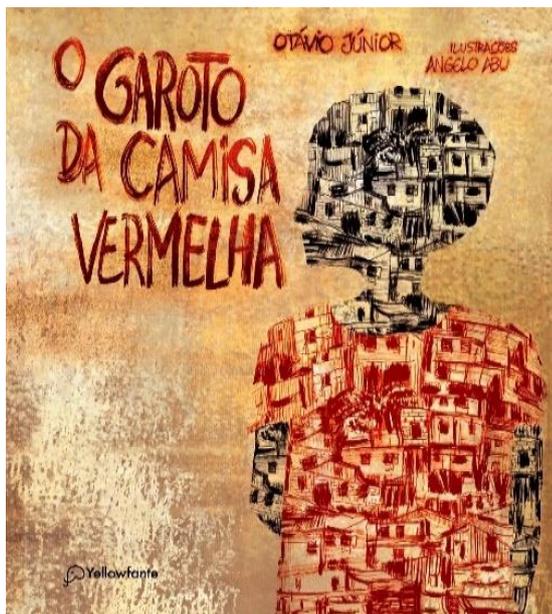
Atuei por muitos anos na linha de frente da promoção à leitura e como militante das bibliotecas comunitárias. Percebi que as crianças das comunidades gostavam de ler, porém, elas não se viam nos conteúdos literários. Meu próximo passo foi criar a *Coleção Lá do Beco*, com histórias infantis ambientadas na favela. As crianças se identificaram de imediato, tanto as daquele universo quanto as de fora. O livro serviu como um meio de conhecer um pouco mais a cultura das comunidades, sem o estereótipo ligado à violência, à miséria e a outras questões negativas.⁵

Regina Zilberman (2005) nos diz que a literatura, por um lado, instiga a imaginação por meio de criação de cenários, inventando pessoas, lugares e enredos; já, por outro, precisa também contar histórias em que os leitores se reconheçam nos personagens criados pelo escritor. Assim, esse exercício de identificação nesses textos pode propiciar um maior interesse pelas leituras, autores e enredos, conforme apontado por Mei Hue Soares (2008). Destacamos ainda que a literatura periférica pode propiciar uma valorização e respeito à cultura da periferia, vista sem as lentes do preconceito midiático.

Destarte, considerando a linguagem poética, as ilustrações e a representatividade presentes nos livros de Otávio Júnior, faremos as análises das duas obras que integram a referida coleção. Ambas foram ilustradas por Angelo Abu e publicadas pela Yellowfante (selo infantil da editora Autêntica).

E O GAROTO DA CAMISA VERMELHA SONHOU, PRIMEIRO, ACORDADO...

⁵ *O olhar da janela que rendeu um Jabuti a Otávio Júnior, o Livreiro do Alemão* (2020d). Otávio Júnior, em depoimento a Rafael Galdo. 11/12/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/cultura/o-olhar-da-janela-que-rendeu-um-jabuti-otavio-junior-livreiro-do-alemao-24792092> . Acesso em: 11 jun 2023.

Fig. 1- Capa do livro *O garoto da camisa vermelha*

Fonte: (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a, capa)

A capa de *O garoto da camisa vermelha* (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a), apresentada na figura 1, compõe-se das informações textuais em letra vermelha, em consonância com o título, e de uma imagem humana, com o rosto e os braços em preto, a camisa vermelha. A constituição dessa figura revela como a favela define a personagem, uma vez que ela é preenchida pela imagem visual das moradias existentes nesse espaço. O rosto, por seu turno, olha para o lado, assinalando uma possível chave interpretativa de convivência da personagem com o seu entorno. É preciso destacar que a capa, por vezes, funciona como o elemento que atrai o público, levando-o a adquirir o livro.

A obra pode ser considerada como um texto de autoficção. Esse termo indica uma narrativa que contém aspectos pessoais do escritor, sem se confundir com uma autobiografia. Isso se constata na própria dedicatória, em que o autor escreve: “Para meus pais, Otávio e Joana, os pais do garoto da camisa vermelha...” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a, p. 5). Sabemos que se trata de uma narrativa de e sobre o próprio autor também porque esta história consta no livro autobiográfico *O livreiro do Alemão*. Para Oliveira (2017, p. 52) as narrativas dos escritores periféricos “[...] se caracterizam por ser um híbrido quase sempre de relato e ficção, de experiências vividas, vistas e inventadas nos guetos suburbanos”.

De acordo com Anna Faedrich (2015, p. 48), “Na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano. Os biografemas estão ali funcionando como estratégia literária de ficcionalização de si”. Esse tipo de narrativa, que inclui o escritor como protagonista ou mesmo como presença esporádica em sua história, surgiu a partir da década de 60 do século passado, mas o termo autoficção só foi cunhado pelo escritor francês Serge Doubrovsky em 1977, quando publicou sua obra *Fils*. Conforme afirma Ana Casas (2009), identifica-se a utilização do pronome pessoal “eu”, do próprio nome ou das iniciais do autor como a estratégia principal da autoficção, geralmente problematizando-se o conceito de autor e sua relação com a escritura. Outros recursos perceptíveis nesse tipo de narrativa podem ser a indicação de dados biográficos, referências a experiências pessoais ou profissionais, bem como alusão a lugares ou mesmo à presença da intratextualidade por meio da citação de outras obras do autor.

Na narrativa em pauta, observam-se, além das marcas autoficcionais já mencionadas, outros aspectos que remetem à vida de Otávio Júnior: o nome do protagonista é Juninho, diminutivo do segundo nome usado pelo autor; a referência ao som de tiros, fato frequente para quem mora naquela comunidade; o encontro com o livro, que transformou sua vida e, por último, na contracapa, a igreja de Nossa Senhora da Penha, construção emblemática, porque no alto de uma montanha e avistada a quilômetros de distância, denunciadora do espaço em que se passa a história e onde vive o escritor. Diferente da autobiografia, porém, Faedrich (2014) assegura que a autoficção não está centrada em recriar a vida do escritor em um livro: seu movimento é do texto literário para a vida.

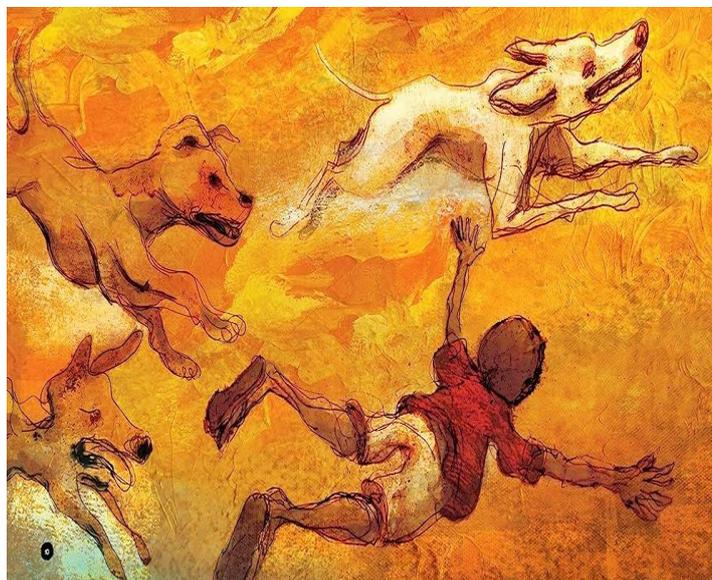
Na obra aqui analisada observamos uma linguagem poética que traz elementos ficcionais, tornando a narrativa um misto entre sonho e realidade. Assim, seja pela linguagem sensível utilizada ou pelas ilustrações, percebemos que se trata de um texto que privilegia a arte literária.

O enredo inicia com o narrador, em terceira pessoa, apresentando uma noite intranquila na comunidade em que mora o protagonista. A noite marcada pela melodia de tiros é representada, na ilustração, por pontos vermelhos que parecem as luzes emitidas por armas possantes. O narrador assinala a preferência do menino por outro tipo de som, o das histórias, e, numa espécie de analepse, parece antecipar que serão

elas a mudar a própria história do personagem. O desejo do garoto da camisa vermelha associa-se a um sonho acordado, que tanto projeta futuro, por ser sonho, como se atualiza em ação, pela consciência de estar desperto. O dia seguinte chega e, “Naquela manhã cinzenta, vermelha e amarela, o menino caminhou nas nuvens” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a, p. 16). Percebemos que o narrador mostra, pelas cores dessa manhã, uma caminhada difícil para o protagonista, mas carregada de poesia e esperança por melhores momentos, que acontecerão como fruto de encontros ao longo da narrativa. Aparentemente, há uma hibridização entre o fato que modificou a trajetória da vida do autor, com situações cotidianas das suas vivências na periferia, e o atravessamento que essa realidade empírica sofre pela linguagem ficcional, estética, dando origem a um texto literário. Assim, para Faedrich (2015, p. 53), nessas obras “os autores têm uma preocupação estética e linguística, procuram uma forma original de se (auto)expressar”.

Nesse livro, a arte literária pode ser vista também nas ilustrações, como podemos constatar na figura 2.

Fig. 2 - O garoto da camisa vermelha sonhando



Fonte: (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a, p. 10-11).

Na figura 2, observamos elementos da realidade do personagem, como suas roupas, o cenário tenso e dinâmico, percebido pelo tom das cores escolhidas, os cachorros..., no entanto, ao ilustrar o protagonista voando, informação que não se

encontra no texto verbal, Angelo Abu nos mostra um elemento ficcional que poetiza o sonho do garoto.

Ao despertar na manhã cinzenta, sem sol e pipas, o texto novamente intercambia sonho e realidade na trajetória do protagonista, informando que Juninho “Caminhava por ruas imaginárias, pois a rua de verdade era feita de ilusão” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a, p. 14). A imaginação guia os passos do garoto de olhar com brilho especial, enquanto a dura realidade em que ele vive conduz a uma percepção ilusória, que não nutre sua alma.

O protagonista executa uma espécie de viagem iniciática rumo ao seu destino: simbolicamente atravessa um portal que lhe dá acesso a outro mundo: ele cruza as portas do lixo, da diversão, da esperança. É no meio do lixo que ele se depara com uma caixa e nela encontra o seu mundo, representado por um livro na história. Por meio do livro, o garoto consegue ir para outro planeta e ouve uma nova melodia.

O trabalho artístico do autor e do ilustrador evidencia-se em toda a obra e caminhamos nela juntamente com o nosso protagonista. Encontramos as outras crianças e percebemos que elas reparam o brilho no olhar do garoto, andamos pelas ruas imaginárias, atravessamos o campo, o lixo e vibramos ao encontrar a caixa.

Observamos que o livro de Otávio Júnior aborda temas bem sensíveis (o tiroteio na comunidade, o garoto no meio do lixo), porém o texto envolvente e poético nos sensibiliza com a noite tensa vivida pelo menino, seus sonhos, sua determinação em caminhar e encontramos um certo alívio ao perceber que “O mundo cabe dentro de um livro!” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020a, p. 21). Sobre esse papel da literatura, Ana Maria Machado (2023) nos diz: “A literatura de ficção permite que o leitor se coloque momentaneamente na pele dos outros e os entenda por dentro. Pode ajudar na compreensão mais aprofundada de quem não é igual a si” (p. 65). Desse modo, enxergamos essa obra como um texto que pode ser lido, discutido e trabalhado com qualquer leitor, seja ele periférico ou não, pois a linguagem artística nos afeta, nos motiva e nos faz, de alguma maneira, compreender os sentimentos do personagem. Tal como nos envolvemos com histórias com castelos, neves, princesas, bosques e bruxas, podemos também, pelo viés da arte, nos emocionar com as narrativas periféricas.

No que se refere às ilustrações, Angelo Abu nos apresenta cores mais quentes, especialmente quando desenha a manhã de céu cinzento. O ambiente mais sombrio

por vezes contrasta com a quentura do vermelho e o brilho do amarelo, que misturados dão lugar ao laranja: o garoto da camisa vermelha mora na casa amarela e seus olhos brilham. Vemos a imagem do garoto entrelaçada a sua comunidade, o que, desde a capa, já nos faz perceber que a obra abordará uma temática sensível. Mesmo com a representação dos sonhos, dos encontros com outras crianças e com o “tesouro”, percebemos que o enredo se desenvolve em um ambiente intranquilo, refletindo o clima tenso do livro, até o seu desfecho libertário. Assim,

A ilustração não se resume a uma paráfrase, a um ornamento do texto verbal, mas a uma relação de coerência de sentidos. Ao criar ilustrações que possam convergir com o texto, os ilustradores refletem não somente sobre o tipo de desenhos e traços, mas também sobre a escolha das cores que deverão criar uma harmonia de sentido nas páginas, a fim de que a leitura impacte de maneira efetiva (FREITAS; SILVA, 2021, p. 27).

Desse modo, percebemos uma harmonia entre as palavras e as ilustrações, as duas linguagens se completam e possibilitam ao leitor se emocionar junto com o garoto.

Ainda sobre a produção de sua literatura, consideramos pertinente apresentar uma fala de Otávio Júnior sobre a sua escrita. Na conferência de abertura do 23º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), em que ele foi o palestrante, perguntaram-lhe como ele conseguia escrever de uma maneira tão leve e poética, pois, mesmo abordando algumas tristezas da vida na periferia, os livros são encantadores e emocionantes... Ele respondeu da seguinte maneira:

É muito difícil [...] Quando eu iniciei a minha escrita periférica, eu me sentia, digamos, muito solitário e a forma a qual eu escrevia era assustadora, porque eu não tinha informações de escritores brasileiros que escreviam no meio e durante alguns confrontos armados que duravam horas e horas e horas, quase o dia inteiro...eu tinha essas informações de escritores que escreviam dessa forma em países em guerra como Iraque, Afeganistão [...] mas a literatura infantil e juvenil brasileira é muito muito muito potente [...] . Nós temos escritores incríveis...então em alguns momentos eu fiz muitas atividades lúdicas relacionadas à poesia infantil e juvenil brasileira [...] então ali eu pude fazer uma imersão com obras e com autores pesquisando as suas vidas, as suas obras [...] eu me inseri nesse universo poético...eu enxergava a beleza na narrativa poética desses autores...e eu pensava: Quando eu crescer eu quero escrever dez por cento, cinco por cento como essas pessoas escrevem...então as minhas obras eu tento, de certa forma, trazer essa poesia, esse embelezamento do olhar a partir das imagens ali, das imagens que são construídas a partir da leitura dos meus textos...então.. assim os ambientes que no qual eu escrevo, eu relato na minha literatura, na minha narrativa, são ambientes que passam por processos, em alguns momentos, de duras questões assim relacionadas à violência,

enfim...mas, de certa forma, eu quero trazer a minha contribuição para embelezar esses olhares, os múltiplos olhares, e com temáticas difíceis de serem narradas.⁶

Ao observar a fala do autor, percebemos o seu cuidado e respeito pela sua comunidade, bem como a intenção de embelezar o olhar dos leitores sobre essa localidade. Ao trazer seu contexto para o universo ficcional, Otávio Júnior apresenta uma possibilidade de mediação pedagógica para professores que vivenciam essas realidades e, por outro lado, e de ampliar os olhares não estereotipados sobre a periferia.

Ressaltamos que, no campo da formação de professoras, recebemos um relato⁷ sobre a importância dessas literaturas adentrarem no universo de leituras presentes nas escolas. Num projeto de formação docente coordenado pela Fundação Negro Amor em escolas comunitárias no município de Salvador-Bahia, no ano de 2019, o livro foi lido e mobilizou toda a roda por propiciar a identificação do público, que se sentiu representado na obra, pois as educadoras participantes da atividade vivem e trabalham em comunidades periféricas.

Na obra, *Juninho*, através da descoberta do livro, das histórias, das palavras se transforma e modifica o lugar em que ele vive... Todas as educadoras ali presentes tinham histórias para contar sobre como a leitura, os livros, as narrativas, a poesia mudaram a vida de alguém que elas conheciam, a delas próprias ou a de alguma criança que fora aluna delas. A pobreza e a desigualdade social não impediram *Juninho* de encontrar a caixa com um objeto “mágico” (o livro) e descobrir que novos mundos são possíveis, tal como as professoras que, por meio da leitura do livro de Otávio Júnior, também perceberam a potência da narrativa e como a literatura pode fazer diferença. Isso lhes trouxe uma alegria esperançada, por compreenderem que o bem viver coletivo é possível de ser construído pelo viés da leitura.

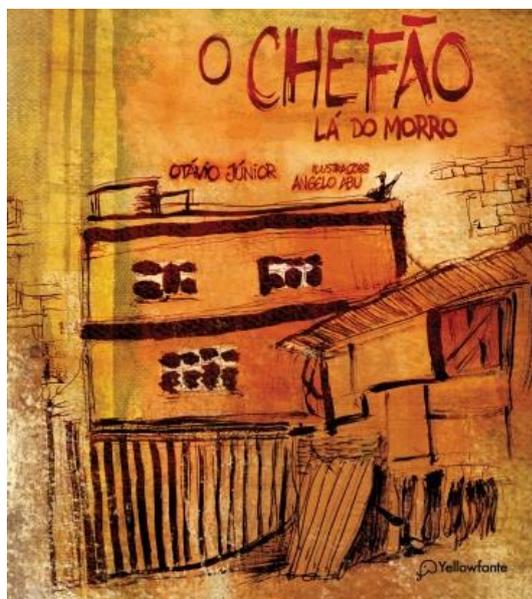
Nesse sentido, percebemos que os sentimentos aflorados, as atitudes transformadas e os movimentos causados pelos livros, presentes de maneira constante nas produções de Otávio Júnior, podem possibilitar transformações concretas na vida de muitos “Juninhos”.

⁶ Trecho da palestra de abertura do 23º Congresso de Leitura do Brasil realizada em 07 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCeBC7BeU9w>. Acesso em: 22 mai. 2023.

⁷ Relato apresentado por meio de uma entrevista informal pela educadora Ana Nossa, no dia 27/06/2023.

QUEM MANDA LÁ NO MORRO, IRMÃO? É O POPULAR E FAMOSO “CHEFÃO”

...

Fig. 3 - Capa do livro “O Chefão lá do Morro”

Fonte: (OTÁVIO JÚNIOR, 2020b, capa)

Nessa obra, cuja capa se encontra na figura 3, podemos observar, de uma maneira profunda, o talento artístico presente na linguagem de Otávio Júnior. O título já nos provoca por trazer recordações sobre os Chefões do Morro que aparecem na mídia, geralmente alguém apresentado sem identidade, sem laços familiares, amorosos, sem amigos...unicamente “Chefão”. O cenário da capa mostra o ambiente da favela, com suas construções, enquanto a contracapa traz o bondinho que deveria interligar, por via aérea, diferentes morros, projeto governamental que foi inaugurado, mas encontra-se abandonado atualmente.

O narrador inicia a narrativa caracterizando o personagem título como aquele que manda no morro, é “muito mau” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020b, p. 6) e, em razão disso, torna-se respeitado e temido por todos na comunidade, como podemos observar na figura 4.

Fig. 4 - O carteiro subindo o morro

Fonte: (OTÁVIO JÚNIOR, 2020b, p. 14-15)

Assim, conforme apresentado na figura 4, a personagem é descrita como alguém que impõe medo, seja na ira que não pode ser despertada, ou na imagem de uma pessoa na laje aparentemente vigiando o carteiro e que podemos inferir tratar-se de alguns dos soldados do Chefão, referidos anteriormente na história.

A narrativa realça alguns dos estereótipos que cercam essa figura: a ideia de comando e autoridade, ao lado da fama – é uma personagem popular; seu domínio relaciona-se ao fato de ser caracterizado como “armado até os dentes” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020b, p. 7), além da referência a soldados, parentes e ao Bonde do Chefão, personagens que o rodeiam e, por essa razão, pode-se supor que o protejam de eventuais ataques. Há ainda menção ao fato de já ter sido preso: “Teve uma vez que Chefão foi parar no xadrez... Não ficou por lá nem um mês” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020b, p. 10).

Por outro lado, no desenvolvimento da narrativa, o narrador nos leva a pensar sobre a faceta mais humanizada desse personagem, ao questionar: “Será que o Chefão é assim tão mau? Ele gosta de tomar banho de mangueira no quintal e correr atrás de pipa com o menino Juvenal” (OTÁVIO JÚNIOR, 2020b, p. 17). Nesse aspecto sua escrita se aproxima, no nosso ponto de vista, da de Conceição Evaristo, ao narrar histórias que não são comumente contadas. Em *Olhos D’água* (EVARISTO, 2018), por exemplo, conhecemos Ana, Davenga, Maria, Natalina, Luamanda, Zaíta, Di Lixão,

Lumbiá... personagens periféricos que, apesar da dolorosa história de vida, sonham, choram, amam....

Otávio Júnior utiliza a linguagem com mestria, por vezes estabelecendo trocadilhos ou deslocamentos de significação quanto ao campo semântico das palavras empregadas. São estratégias geralmente percebidas na segunda leitura, ligadas a uma construção narrativa igualmente estruturada com base na manutenção desse deslizamento de sentidos, fazendo-nos refletir sobre o que pensamos acerca do Chefão lá do morro e sua fama. É uma obra que, de certa forma, impõe a releitura do texto verbo-visual e a reconfiguração de paradigmas interpretativos. Nas páginas em que há texto verbal, as palavras se organizam em períodos curtos, apresentando uma configuração que, visualmente, parece a da poesia devido a pausas métricas que instauram, em vários momentos, a rima, como se pode verificar na figura 4. A obra estabelece diferentes camadas de significação, provavelmente só percebidas numa leitura após o final surpreendente. Para Ricardo Azevedo, o texto literário

Pode criar ritmos inesperados e explorar as sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Se todo o texto informativo pretende que muitos leitores cheguem a uma mesma e única interpretação, o texto literário tende à plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. Pode-se dizer que quanto mais amplas forem as possibilidades de leitura oferecidas por um texto literário, maior será sua qualidade (2002, p. 28).

Nesse sentido, percebemos o livro de Otávio Júnior como um texto em constante diálogo com o leitor. Ele brinca com as palavras, instaura diferentes sentidos, além de mexer com o nosso imaginário: cada pessoa, ao fazer a leitura, cria uma possível identidade para o Chefão, pautada em seus próprios (pre)conceitos.

O personagem título assume diversas facetas, conforme a história se desenvolve. A revelação da identidade do Chefão se dá ao final do livro pela ilustração, que reproduz uma imponente imagem do protagonista. No texto verbal, há um narrador em terceira pessoa que apresenta o Chefão, descreve a relação das demais personagens com ele, não se eximindo de relativizar sua pretensa maldade, ao evidenciar um personagem que brinca, tem medo e sente amor. A descoberta da identidade do protagonista nos instiga a fazermos uma releitura do texto para buscar pistas que estavam implícitas num primeiro momento, mas chamam imediatamente a

atenção numa segunda leitura. Somos provocados a reler o livro e a questionar a nós mesmos sobre o que pensamos a respeito das comunidades periféricas.

A narrativa promove, assim, uma quebra de expectativa, porque “leva [o leitor] a tomar consciência de que a sua interpretação estereotipada e preconceituosa, relacionada à favela e aos favelados, foi orientada por saberes de crença de que estava imbuído” (FERES; PAULA, 2022, p. 57-58). Nesse sentido, consideramos relevante apresentar um trecho da dissertação de Marielle Franco que nos diz:

[...] há uma visão impregnada na sociedade de que os moradores de favelas são, em sua maioria, participantes do varejo das drogas imposto pelo tráfico na comunidade. No entanto, o censo realizado em 2000, organizado pelo IBGE em parceria com instituições locais, mostrou que menos de 1% dos moradores têm envolvimento com o tráfico local. Em outras palavras, dos 132 mil moradores, cerca de 1 mil 300 pessoas tinham algum tipo de envolvimento (2014, p. 61).

A narrativa de Otávio Júnior nos incita a refletir sobre a visão que temos acerca das favelas, levando-nos a construir outros modos de enxergar essas comunidades, tal como apontam as reflexões apresentadas por Franco. A autora ainda nos assegura que no seio da favela “forma-se um conjunto de movimentos sociais e instituições do terceiro setor que movimentam milhares de moradores, seja em torno de projetos educacionais, culturais, políticos, esportivos ou outros, seja em torno de ações políticas reivindicatórias” (FRANCO, 2014, p. 61). Assim, somos instigados a conhecer as singularidades que caracterizam as favelas, especialmente aquelas que pulsam, criam, movimentam e contribuem para o desenvolvimento de toda a cidade.

Como a primeira obra analisada, há também em *O chefão lá do morro* (2020b) o predomínio do vermelho e do laranja, destacando-se as letras e os contornos das ilustrações em cor preta. Os personagens quase sempre aparecem de costas, o que não revela explicitamente as expressões apresentadas quando veem o Chefão. É possível inferir que este personagem gosta de brincar com as crianças (quando estão soltando pipa ou estão na “pelada”), embora não seja muito querido pelos adultos. O ilustrador, assim como o autor, brinca com o leitor e cria esconderijos imaginários que podem estar nas ilustrações que, com sua criatividade, colorido, projeção, estilo ou forma, ampliam a leitura do texto narrado (LIMA, 2008).

Desse modo, destacamos o talento artístico do autor e ilustrador materializados nesta obra, as múltiplas possibilidades de formação humana provocadas pelo texto e instigamos os leitores deste artigo a conhecerem a identidade do Chefão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou apresentar uma análise dos livros que integram a *Coleção Lá do beco*, de autoria do escritor Otávio Júnior e do ilustrador Angelo Abu. Pudemos perceber que, mesmo apresentando temáticas sensíveis, liadas a uma realidade social, a arte literária se destaca nas obras analisadas em que podemos apreciar a criatividade de um escritor oriundo da periferia, em parceria com o ilustrador.

A primeira obra analisada entrecruza-se à própria história de Otávio Júnior, num processo de autoficção em que o discurso estético sobressai no texto pela delicadeza das imagens poéticas. Na segunda, um toque de humor atravessa a história, que burla o próprio texto e brinca com o leitor ao desenhar um imaginário para a personagem do Chefão.

A ilustração de Angelo Abu encontra-se, nas duas obras, em sintonia com a narrativa textual, acentuando-se a semelhança no emprego das cores. Nas páginas, com fundo em cores predominantemente quentes, confere-se um tom de energia, tensão e mistério às histórias. As cores acentuam a ambiguidade e a ambivalência da obra de Otávio Júnior, articulando visões igualmente deslizantes sobre aspectos como: a vida na favela; a ficção e a realidade, aproximando Otávio Júnior e Juninho, os garotos da camisa vermelha; a identidade do Chefão. Se, por um lado, emerge um tom por vezes sombrio, condizente com as agruras enfrentadas pelas personagens representadas naqueles espaços, encontra-se também a vitalidade como princípio que também norteia o viver, aliando-se à esperança.

É possível notar a potência desses livros ao trazer sensibilidade e poesia para um contexto tenso, ou, nas palavras do próprio escritor, “embelezar os múltiplos olhares sobre a comunidade”⁸. As obras se destacam também por provocar os leitores a romperem estereótipos e repensarem outros modos de enxergar as periferias, bem como, ainda no campo de formação humana de leitores, estimular a reler o livro e a nós mesmos.

⁸ Trecho da palestra de abertura do 23º Congresso de Leitura do Brasil realizada em 07 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCeBC7BeU9w>. Acesso em: 22 mai. 2023

Queremos destacar ainda que, na obra *O livreiro do Alemão* (Otávio Júnior, 2011) o autor apresenta alguns dos seus livros favoritos, em que encontramos clássicos como *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga; *Raul da ferrugem azul*, de Ana Maria Machado; *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha; *Flicts*, de Ziraldo, entre outros. Externamos assim o desejo de que, futuramente, as crianças leitoras de todas as comunidades (periféricas ou não) tenham acesso a livros e autores como Otávio Júnior entre seus favoritos e mencionem o papel formativo dessas obras nas trajetórias pessoais.

Por fim, trazemos um trecho do samba enredo campeão do ano de 2019 da escola Estação Primeira de Mangueira (HISTÓRIAS..., 2019), no qual há uma reivindicação para que se conte uma história do nosso país que ainda não foi contada. Desse modo, considerando que as comunidades periféricas precisam ser ouvidas, respeitadas e representadas finalizamos este texto entoando “Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”, Otávios...

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

A DESTRUIÇÃO dos documentos sobre a escravidão. **Estadão Acervo**, [s. l.], 2015. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-destruicao-dos-documentos-sobre-a-escravidao-,11840,0.htm>. Acesso em: 18 jun. 2023.

AZEVEDO, R. A imagem invade os livros: diferentes tipos de imagens para diferentes tipos de textos. **Literatura e Imagem**: Boletim Salto para o futuro, [s. l.], TV escola, p.25-32, ago. 2002.

CASAS, A. Los diarios (auto)ficticios de Juan Antonio Masoliver Ródenas. **Espéculo: Revista de estudios literários**, Madrid, n. 41, 2009. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/151953.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

COLE 23 - Conferência de Abertura. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (1h 26 min). Publicado pelo canal ALB - Associação de Leitura do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCeBC7BeU9w>. Acesso em: 22 mai. 2023.

ENTENDA como foi a morte da menina Ágatha no Complexo do Alemão, segundo a família e a PM. **G1 Rio**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2023.

EVARISTO, C. **Olhos D'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

FAEDRICH, A. M. **Autoficções**: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea. 2014. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FAEDRICH, A. M. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Itinerários**, Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8165>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FERES, B. dos S.; PAULA, A. M. A. de. A favela de Otávio Júnior: uma contribuição para a sociologia das emergências fundamentada pela semiolinguística. *In*: PAULA, A. M. A. de *et.al.* (org.). **Linguagem, identidade e diversidade na literatura para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p.40-69.

FRANCO, M. **UPP – A redução da favela a três letras**: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2166/Marielle%20Franco.pdf;jsessionid=8BA0B0F37B42CA3AB6A0BB33E2F14CBE?sequence=1>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FREITAS, A. E. de; SILVA, R. R. da. A emoção das cores no livro infantil, *A menina Capu e as tintas mágicas*, de Marta Cocco. **Revista Moinhos**, [s. l.], v. 11, ano 5, p. 21-33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/6496/4760>. Acesso em: 2 jul. 2023.

GARCIA, I. Livreiro do Alemão: "Quero ver a favela vencendo através da minha arte". **Ecoa UOL**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/01/07/quero-ver-a-favela-vencendo-atraves-da-minha-arte-diz-livreiro-do-alemao.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HISTÓRIAS para ninar gente grande. Compositor: Deivid Domênico *et al.* Interprete: Wantuir. Rio de Janeiro: Estação Primeira de Mangueira, 2019. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/wantuir/historias-para-ninar-gente-grande/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LIMA, G. Lendo Imagens. *In*: Instituto C&A. Fundação Nacional do Livro infantil e juvenil. **Nos caminhos da literatura**. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 36-43.

MACHADO, A. M. Sensatez e Sensibilidade: a reescrita de obras e o risco de podar a literatura infantil no nascedouro. **Piauí**, [s. l.], n. 201, p. 62-65, jun. 2023. (Posfácios do nosso tempo). p. 62-65. Disponível em: https://issuu.com/revistapiaui/docs/piaui_201_completa_menorv2. Acesso em: 18 jun. 2023.

NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da ABPN**, [s. l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, nov. 2011 – fev. 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/358/331>. Acesso em: 18 jun. 2023.

OLIVEIRA, C. J. de. Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação. **ArReDia**, Dourados, v. 6, n. 10, p. 43 - 57, jun. 2017. ISSN 2316-6169. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323594095_Literatura_modernista_e_literatura_periferica_engajamentos_intelectuais_de_representacao_e_autorrepresentacao. Acesso em: 07 jun. 2023.

OTÁVIO JÚNIOR. **O livreiro do alemão**. São Paulo: Panda Books, 2011.

OTÁVIO JÚNIOR. **Da minha janela**. Ilustrações: Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

OTÁVIO JÚNIOR. **O garoto de camisa vermelha**. Ilustrações: Angelo Abu. 2ªed. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Yellowfante, 2020a. (*Coleção lá do beco*)

OTÁVIO JÚNIOR. **O chefão lá do morro**. Ilustrações: Angelo Abu. 2ªed. 2ª reimpr. Belo Horizonte: Yellowfante, 2020b. (*Coleção lá do beco*).

OTÁVIO JÚNIOR. **Morro dos ventos**. Ilustrações: Letícia Moreno. São Paulo: Editora do Brasil, 2020c.

OTÁVIO JÚNIOR. O olhar da janela que rendeu um Jabuti a Otávio Júnior, o Livreiro do Alemão. **O Globo Época**, [s. l.], 2020d. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/cultura/o-olhar-da-janela-que-rendeu-um-jabuti-otavio-junior-livreiro-do-alemao-24792092>. Acesso: 11 jun. 2023.

OTÁVIO JÚNIOR. **De passinho em passinho**: um livro para dançar e sonhar. Ilustrações: Bruna Lubambo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021a.

OTÁVIO JÚNIOR. **Guardiãs de memórias nunca esquecidas**. Ilustrações: Roberta Nunes. Itapira: Estrela Cultural, 2021b.

OTÁVIO JÚNIOR. **Procura-se Carolina**. Ilustrações: Isabela Santos. Belo Horizonte: Yellowfante, 2022a.

OTÁVIO JÚNIOR. **Menino Benjamin**. Ilustrações: Isabela Santos. Belo Horizonte: Yellowfante, 2022b.

OTÁVIO JÚNIOR. **Histórias sobre pequenas grandes coisas**. Ilustrações: Camilo Martins. São Paulo: Panda Books, 2022c.

SOARES, M. H. **A literatura marginal-periférica na escola**. 2008. Dissertação (Mestrado em linguagem e educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30042009-143257/pt-br.php>. Acesso em: 31 jan. 2023.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Sobre as autoras

Erica Bastos da Silva

Pós-doutoranda no Programa de pós-graduação em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Pedagogia também pela UFBA. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Formação de Professores. Vice-líder do grupo de pesquisa e extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes). Coordena a pesquisa intitulada *A leitura literária na escola: reflexões sobre a formação do leitor nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*, vinculada a linha de pesquisa leitura, literatura e direitos humanos do LEIA. Tem experiência na área de Educação e Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Alfabetização, Letramento, Leitura Literária, Formação de Leitores e Escritores, Metodologia da Pesquisa, Pesquisa em Educação, Educação à Distância, Letramento literário, Literatura Infantil e Juvenil.

Regina Michelli

É professora associada e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pós-doutorada pela USP e pela UFU, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Desenvolve projeto de pesquisa em Literatura Infantojuvenil, acerca de contos de fadas, configurações arquetípicas do masculino e do feminino, maravilhoso e insólito, tendo por *corpus* narrativas da tradição e da contemporaneidade. É bolsista Prociência UERJ/ FAPERJ desde 2018. É líder do Grupo de Pesquisa CNPq-UERJ Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas (EnLIJ), e coordenadora do Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da UERJ (NELIJ-UERJ).